

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO VISUAL

PHOTOGRAPHY AS AN INSTRUMENT OF LITERACY
AND VISUAL COMMUNICATION

LAURA ELISE DE OLIVEIRA FABRÍCIO*
MARINA LORENZONI CHIAPINOTTO**

RESUMO

Neste texto, apresentam-se os resultados do “Projeto Pinhole: fotografia na lata como processo de comunicação”, desenvolvido durante o ano de 2005, na Escola Estadual de Ensino Básico Irmão José Otão, localizada na Vila Esperança, em Santa Maria–RS. Neste trabalho, objetivou-se a inclusão da proposta de ensino da linguagem visual, por meio da fotografia, em uma prática de ensino tradicional, em que os educandos estão apenas voltados à comunicação da linguagem verbal (escrita e falada). Concluiu-se que a alfabetização visual, desenvolvida paralelamente à verbal desde as primeiras séries escolares, torna possível a construção de espaços de alfabetização e de comunicação mais diversificados e ricos, propiciando ao educando o contato e a utilização de diferentes modos da linguagem.

Palavras-chave: Comunicação; Linguagem; Fotografia; Educação; Alfabetização Visual

ABSTRACT

This research was the application of the “Pinhole Project: photography in a can as a process of communication,” developed in 2005 in the State Elementary School Irmão José Otão, located in Vila Esperança in Santa Maria –RS. This work aimed the inclusion of the teaching of visual language through photography, in a traditional teaching practice, in which the students just communicate trough oral and written language. It was concluded that visual literacy, developed along with the verbal one, since the fir school years, makes possible the contruction of literacy and communication spaces that are richer and more diversified, making possible for the students to be in contact and use different language channels.

Keywords: Communication; Language; Photograph; Education; Visual Literacy.

* Graduada em Jornalismo pela UNIJUÍ (Ijuí, RS); Professora do Curso de Comunicação Social da UNIFRA (Santa Maria, RS), Mestranda em Comunicação Midiática (UFSC); Coordenadora do Projeto de Extensão Pinhole: fotografia na lata como processo de comunicação.

** Graduada em Jornalismo pela UNIFRA (Santa Maria, RS), pós-graduanda em Comunicação e Projetos de Mídia (UNIFRA), professora do curso de Fotografia da FACVEST (Lages, SC, Brasil); bolsista voluntária do Projeto de Extensão Pinhole: fotografia na lata como processo de comunicação.

INTRODUÇÃO

Pensar a fotografia como uma possibilidade de trabalhar a questão da alfabetização e da comunicação visual fundamenta-se na constatação da relativa complexidade da educação pública brasileira, em que grupos sociais de baixa renda e excluídos do contexto social geral dificilmente têm acesso a uma boa base educacional, agregando-se o fato de que não é somente por meio da escrita e da oralidade que se dão os processos de alfabetização e de comunicação na sociedade.

Desse modo, observa-se que, junto à aprendizagem dos métodos tradicionais de linguagem na educação básica escolar, há também a necessidade da alfabetização visual, em função de um tempo e sociedade em que o consumo de imagens tem importância enquanto instrumento representativo do real. Assim, a fotografia, como suporte e “mãe” de todas as imagens, torna-se um meio necessário de ser trabalhado concomitante aos métodos de ensino convencionais.

Assim, destaca-se a importância de se trabalhar também com outros suportes e não apenas com os livros didáticos pedagógicos de linguagem escrita. A fotografia cria para os educandos possibilidades de interpretação do mundo à sua volta, representações de sua vida escolar, familiar e geográfica, explorando, portanto, linguagens diferentes que auxiliam na comunicação e no entendimento de seu mundo particular e social. Além disso, há também a preservação da memória de forma imagética, provocando a oralidade evocada por uma fotografia que congela no espaço e no tempo realidades de outrora.

Dessa forma, pensando na fotografia enquanto linguagem imagética, pode-se fazer um aporte estritamente ligado à questão da alfabetização e de conhecimento do mundo por meio da observação, pois, conforme Felizardo (2000, p. 13):

Fotografar é conferir importância e o olhar é uma forma de conhecimento. (...) Palavra e imagem, por sua vez, sempre andam juntas, ora se completando, ora brigando, ora se separando, ora se juntando. Não importa. As duas formas de expressão são necessárias para o relato, para as histórias que queremos contar. E quando uma vem para enaltecer a outra, é perfeito.

A linguagem falada e escrita sempre teve primazia no contexto educacional, porém, há muito, vem sendo aceita como consenso a máxima que afirma que uma imagem vale mais do que mil palavras. Entretanto, a comunicação pela imagem (ou comunicação icônica¹) é uma realidade que existe paralelamente à comunicação oral e escrita. Pode-se observar que, em se tratando de alfabetização, não se pode pensar a fotografia como único meio e instrumento para essa concretização, mas como uma possibilidade necessária a esse processo, juntamente à linguagem verbal.

Dessa forma, a fotografia, enquanto um suporte de alfabetização, deve ser pensada como possibilidade fora dos padrões anteriormente citados, sendo um meio bastante didático e muito bem aceito, conforme se comprova por meio do trabalho de extensão realizado na Escola Estadual de Ensino Básico Irmão José Otão, onde alunos até a quarta série do ensino fundamental realizaram as experiências com esse meio, ampliando os horizontes educacionais e

¹ Segundo a Semiótica Pierciana, ícone é um signo que confere algum traço de semelhança com o objeto real. Portanto, toda imagem é de natureza icônica.

aprendendo a importância da fotografia como comunicação visual e linguagem imagética.

A fotografia, como linguagem e instrumento de comunicação, está “propiciando às pessoas a possibilidade de, pela aquisição do manejo de uma nova linguagem, experimentar o alargamento de seu poder de investigação e de redescoberta da vida” (HUMBERTO, 2000, p. 71). Dessa forma, a fotografia une a percepção de cada pessoa às técnicas de captação de imagens, como a luz, a composição e os ângulos de tomada fotográfica, que são maneiras, portanto, de estabelecer uma comunicação entre o emissor da mensagem imagética (nesse caso, o fotógrafo) e o receptor.

A QUESTÃO DA ALFABETIZAÇÃO VISUAL NA EDUCAÇÃO

A alfabetização visual pode ser definida como a habilidade de entender uma gama de representações visuais. Conforme o pesquisador e educador norte-americano Elliot Eisner (2002), o ensino é mais abrangente quando se vale de representações visuais, pois elas permitem a aprendizagem daquilo que os textos escritos não conseguem mostrar.

De fato, a alfabetização visual, mais especificamente por intermédio da fotografia, proporciona ao aluno condições de conhecer e reconhecer a sociedade à qual pertence e interpretar a cultura de sua época. Por isso, o educador deve estimular os alunos a criarem suas próprias representações e interpretações por meio da imagem captada fotograficamente, ao invés de oferecer aos educandos mensagens visuais com significados preestabelecidos, pois segundo Humberto (2000, p. 71):

Devemos entender que a expressão pela imagem sempre esteve presente na história do homem. Ela é decorrente de uma necessidade visceral, tornando-se concreta em função de um suporte existente e de uma tecnologia disponível em um dado momento. Assim sendo, não devemos projetar um sistema de ensino fechado dentro de nosso tempo, mas algo com certo gosto visionário que admita futuros mais ricos e novidadeiros.

O uso de imagens é uma realidade que tende a se firmar cada vez mais e, por isso, tornou-se essencial no processo de alfabetização. A questão é que essa realidade, em que o educando está cercado de informações visuais no seu cotidiano (como imagens televisas, outdoors, fotografias em jornais e revistas, placas de trânsito), está ainda muito distante dos currículos escolares, principalmente na educação pública brasileira² na qual os professores recebem, raras vezes, cursos de atualização pedagógica – sem entrar no mérito do desestímulo gerado pela má remuneração.

Apesar de dar alguns sinais de abertura a essa necessidade educacional, a escola mantém-se ainda à margem dessa realidade que, de alguma maneira, já faz parte da rotina dos educandos, adaptando-se de forma muito lenta a essas novas necessidades educativas. A integração da imagem em ambientes de ensino, sobre os mais diversificados suportes, proporciona ao aluno um maior envolvimento com a apreensão da realidade.

Foi pensando em tais questões que a proposta da alfabetização visual foi levada à sala de aula, onde somente recursos visuais foram utilizados para a construção dessa educação imagética, conforme considerado a seguir.

² Esse fato foi constatado nos três primeiros encontros entre os participantes do projeto de extensão e as professoras das séries iniciais da Escola onde foi desenvolvido. A proposta da alfabetização visual por meio da fotografia foi recebida com surpresa pela comunidade escolar, devido ao fato de fugir do processo convencional de ensino.

A COMUNICAÇÃO VISUAL

A comunicação visual, assim como outras formas de comunicação, só é possível por meio da concretização da linguagem imagética (neste caso, através da fotografia). O processo de construção da comunicação visual pode ser dividido em três fases básicas: observação/apreciação, reconhecimento e habilidade de comunicar, conforme teoriza Barnhurst (1994).

A pessoa observa mensagens visuais nos jornais, televisão, artes plásticas e no cotidiano. A apreciação visual das mais distintas imagens instiga, mesmo que implicitamente, a atribuição de valores, de forma a dar subsídios para que possam produzir interpretações imagéticas da realidade. É a mesma lógica usada no ensino tradicional, em que o aluno interpreta textos escritos e redige sua própria mensagem, de forma a condicionar suas concepções, percepções, criatividade e expressividade no texto imagético.

A fase do reconhecimento, ou seja, a segunda, é quando o educando desenvolve a habilidade de identificar o que exatamente é necessário codificar, por meio da fotografia, para tornar possível a comunicação visual. É nessa fase também que o aluno interpreta como determinados elementos podem se tornar expressivos, ou seja, como ele capta as suas impressões visuais e subjetivas.

A terceira fase é o estabelecimento da comunicação em que o indivíduo fotógrafo dá forma à mensagem visual de maneira que os receptores dessa mensagem a compreendam. Conforme Barnhurst (1994, p. 35),

as imagens visuais provêm em grande parte da quantidade de informação. Poderíamos dizer que a maior parte do conhecimento se adquire visualmente e, além disso, o pensamento mesmo ocorre de forma visual, segundo o que dizem várias autoridades e filósofos.

A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

A fotografia é um texto e como tal é formada por uma linguagem específica que a estrutura, e também pela subjetividade de quem está por trás do visor de uma câmera fotográfica, “escrevendo com luz” suas percepções de mundo e do lugar em que está inserido. Nesse caso, tem-se, além da linguagem técnica própria do ato de fotografar, a linguagem criada por aquele que produz a imagem de um momento específico.

A linguagem fotográfica é entendida a partir de requisitos técnicos responsáveis pela formação da imagem que são: a) as aberturas de diafragma, controlando a quantidade de luz que entrará na câmera; b) as velocidades do obturador, determinando o tempo que a luz permanecerá sobre o material fotossensível; c) a utilização de lente ou objetiva correta, para determinada captação; d) o uso ou não de *flash*, enquanto luz artificial de apoio e preenchimento do quadro fotográfico; e) a focalização, permitindo a nitidez da imagem.

Contudo, também fazem parte da linguagem técnica da fotografia – necessária para a formação da imagem sobre a película de um filme fotográfico, papel sensível à luz ou, ainda, *pixels* (no caso de digitais) – a composição, o enquadramento, o ângulo de tomada, a profundidade de campo, e ainda quando é usada a linguagem analógica, o tipo de filme, se é em preto e branco ou colorido e suas codificações específicas.

Entretanto, de todos os elementos geradores de sentido e de representação na formação e na comunicação de uma mensagem imagética, o enquadramento é o maior responsável pela leitura que a fotografia produzirá. Conforme Guran (1998, p. 92), “a eficiência da comunicação da fotografia sofre com a presença de componentes visuais

não organizados”, pois é o enquadramento que “seleciona” os elementos mais importantes a aparecerem no quadro fotográfico.

À medida que os educandos percebem, no seu cotidiano, o que deve ser fotografado e qual a importância desses fatos enquanto fragmentos possíveis de contar suas histórias, estabelecendo uma comunicação e, conseqüentemente, a alfabetização visual, é a partir do enquadramento que essas cenas incluirão ou excluirão determinados elementos que irão compor o quadro fotográfico. Desse modo, estabeleceu-se um sentido a esses fragmentos de vida, permitindo uma leitura explícita daquilo que se pretende informar e comunicar, organizando a mensagem de forma plástica e equilibrada.

Os outros elementos geradores de sentido, ao contrário do enquadramento, servem mais como apoio à formação técnica da fotografia do que propriamente serem responsáveis diretos pela interpretação que a imagem suscitará enquanto mensagem. Assim, se é certo que eles contribuem, sua parcela no resultado final, contudo, importa muito pouco, considerando a questão do enquadramento.

PINHOLE: A LATA COMO INSTRUMENTO FOTOGRÁFICO

A realidade financeira das escolas públicas no Brasil é, reconhecidamente, limitada e, em muitas situações, precária. Foi pensando nessa questão que se decidiu utilizar a antiga técnica de Pin-Hole, popularmente conhecida como Fotografia na Lata (Pinhole), na versão em língua portuguesa.

Pinhole, palavra que se origina do inglês e que significa “buraco de alfinete”, é o nome dado à

técnica que possibilita o fenômeno fotográfico em um ambiente sem a presença de objetivas (componente das câmeras tradicionais). Um pequeno furo permite a formação da imagem em um recipiente ou espaço vedado de luz. A princípio, qualquer espaço vedado de luz pode servir de câmara escura, como latas e caixas das mais distintas proporções. É por isso que a técnica de pinhole é conhecida como “fotografia na lata”.

Para cada tamanho de recipiente, existe um tamanho de orifício adequado para que a projeção da imagem se dê de forma nítida, pois esse é o princípio que possibilita a captação e, conseqüentemente, a fotografia pinhole. Dessa forma, o recipiente furado passa a ser uma câmara escura com a qual se pode produzir fotografias ao colocar filme ou papel fotográfico no seu interior (FIGURAS A E B).

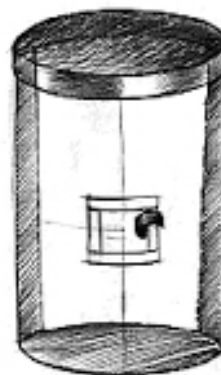


Figura A - Exemplo de projeção da imagem no papel fotográfico que fica na superfície oposta ao orifício no interior da câmara.

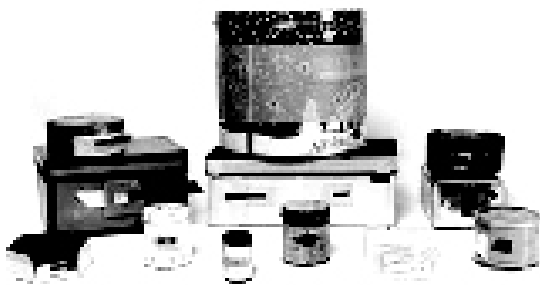


Figura B - Modelos de Pinholes de caixas e de latas, de diversos tamanhos.

A projeção de imagens por esse método é um processo físico e já é conhecido pelo homem desde a Antiguidade. Aristóteles, filósofo grego, já observara, há 2.400 anos, que a imagem de um eclipse se projetava no chão, ao passar pela copa de uma árvore. Dos matemáticos árabes dos séculos XI e XIII à Renascença, vários pesquisadores confirmaram as observações de Aristóteles, percebendo o comportamento da luz ao trocarem a copa das árvores por um orifício em uma câmara (caixa, quarto ou lata) escura.

Trata-se, assim, de um processo fotográfico alternativo e viável para ser desenvolvido em escola pública, onde mais de 75%³ dos alunos pertencem a comunidades carentes. Além disso, há a questão da experimentalidade de uma técnica fotográfica utilizada por poucos em tempos de digitalização da fotografia⁴.

A METODOLOGIA DO PROJETO

Para a execução deste projeto, nos encontros semanais (todos os sábados do ano letivo) com

os alunos da Escola Irmão José Otão, em que sete educandos em fase de alfabetização participaram do projeto⁵, procurou-se trabalhar sempre de forma lúdica, fugindo do padrão convencional de ensino e, conseqüentemente, instigando a atenção, a sensibilidade, a criatividade e a percepção das crianças. Para que a história e a técnica fotográfica fossem aprendidas pelos alunos, exercícios de raciocínio lógico, música, literatura, arte e imagens em jornais e revistas⁶ foram instrumentos utilizados para a alfabetização visual.

A construção de cada câmera escura (Pinhole) foi feita pelas próprias crianças, para que compreendessem como se daria a captação com as latas (FIGURA C). A fotografia analógica foi usada para se ensinar a linguagem e as técnicas fotográficas e seus processos físicos. Além disso, vídeos-aula foram alternativas para não se entregar material escrito a alunos em fase de alfabetização verbal.



Figura C - alunos captando imagens nos arredores da escola, sob orientação da professora Laura e da bolsista Marina.

³ Dado fornecido pela Direção da Escola Estadual de Ensino Básico Irmão José Otão.

⁴ Cada aluno integrante do projeto construiu sua pinhole, levando para a escola apenas um recipiente de alumínio que tinha em casa, ou seja, não tendo nenhum custo com o material utilizado.

⁵ Ressalva-se que a proposta inicial era uma oficina para quinze alunos, mas alguns desistiram por desinteresse e outros por não terem condições financeiras para ir até a escola em horário diferenciado ao das aulas.

⁶ Três alunos nunca tiveram contato com jornais e revistas antes da utilização na oficina de Pinhole.

Propostas de observação no trajeto casa-escola e descrição (por meio de desenhos e da oralidade) se fizeram presentes como continuidade desses encontros semanais. Além disso, tarefa comum destinada aos educandos era observar imagens em livros utilizados nas aulas e pesquisas na biblioteca.

Os textos imagéticos produzidos pelos educandos são reflexos das observações do cotidiano de cada aluno, do desenvolvimento de um olhar crítico e do estímulo visual originado a partir da alfabetização visual. As figuras D, E e F são exemplificações imagéticas apresentadas pelos alunos.



Figura D - Fotografia Pinhole captada (em 10 minutos de exposição do papel à luz) pelo aluno Maique Pereira, da 4ª série, e que reflete o ambiente escolar do qual faz parte.



Figura E - Taiana de Oliveira, da 3ª série, captou, com câmera analógica, sua avó (dona Brazilianana) na janela de casa, na vila Esperança.



Figura F - Guilherme da Silva (2ª série) fotografou com Pinhole a pracinha da Escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de extensão comprovou que as crianças das séries iniciais são carentes de alfabetização visual e, por isso, torna-se necessário inserir o ensino da linguagem imagética no currículo das escolas de ensino básico. Entendendo a fotografia como um importante apoio pedagógico, o projeto mostrou que é preciso aplicar, no dia a dia das aulas, exercícios conjuntos de leitura e de construção de imagens e de palavras, pois desenvolvem a linguagem pessoal do educando, auxiliando-o na comunicação com o mundo externo.

Dessa forma, torna-se essencial conscientizar os educadores para a importância da imagem no processo de ensino e aprendizagem. É urgente também propiciar às crianças uma qualificada alfabetização visual, no sentido de desenvolver a capacidade de leitura e de análise crítica do meio em que vivem, hoje dominado pela linguagem icônica.

No que se refere à educação pública, urge a reestruturação de políticas pedagógicas, nas quais deve ser incluído o ensino da linguagem visual. Ressalva-se, aqui, que não é solução apenas incluir o ensino da fotografia no currículo básico das escolas, mas também qualificar os educadores para desenvolver tal atividade em sala de aula. Uma alternativa para que esse processo comece a se concretizar nas escolas públicas é a leitura de imagens, ou seja, a interpretação do texto imagético, uma didática escolar que pode ser usada durante as aulas de qualquer disciplina. Assim, o educando começará a entender o que pode ser produzido por ele e que mensagens estão representadas nas imagens fotográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BARNHURST, K. **Seeing the newspaper**. New York: St Martin's Press, 1994.

BUSSELLE, M. **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Book Editora, 1979.

EISNER, E. W. **The arts and the creation of mind**. New Haven: Yale UP, 2002.

FELIZARDO, L. C. **O relógio de ver**. Porto Alegre: Gabinete de Fotografia/FUMPROARTE, 2000.

GURAN, M. A "fotografia eficiente" nas Ciências Sociais. In: ACHUTTI, L. E. R. **Ensaio sobre o fotográfico**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

HUMBERTO, L. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: UnB, 2000.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

MEYER, P. **O olho e o cérebro**. São Paulo, SP: EDUSP, 2005.

PIETROFORTE, A. V. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

SCHULTZE, A. M. Possibilidades de leitura da imagem fotográfica na escola fundamental. In: **Anais...** Seminário Internacional de Educação, v. 1. Cianorte, PR, 2001.